

A EXPERIÊNCIA HERMENÊUTICA DA ARTE NO  
MÉDIUM DA LINGUAGEM\*

## HERMENEUTICS EXPERIENCE OF ART IN THE MEDIUM OF LANGUAGE

Luciana Cantanhede Melo \*\*

Almir Ferreira da Silva Júnior \*\*\*

**Resumo:** A presente investigação orienta-se a partir dos seguintes questionamentos: o que significa pensar a arte enquanto uma advertência crítica ao paradigma da subjetividade moderna? À luz da análise ontológico-hermenêutica da finitude, de inspiração heideggeriana, qual o alcance e os limites da hermenêutica filosófica para compreender o estatuto de atualidade da arte moderna? Para tanto, tornam-se necessários os fundamentos hermenêutico-filosóficos de H.-G. Gadamer, quais sejam: a crítica à modernidade, a vigilância da história (Wirkungsgeschichte) e o médium da linguagem. É somente sob a valência ontológica da finitude que o modo de ser da arte revela-se como experiência, cuja presença nos remete à intermediação, ao apelo à memória e à escuta da tradição (Überlieferung).

**Palavras-chave:** Hermenêutica História. Linguagem. Arte.

**Abstract:** This research is guided from the following questions: what it means to think of art as a critical warning to the paradigm of modern subjectivity? In light of the analysis ontological-hermeneutics of finitude, Heidegger's inspiration, which the extent and the limits of philosophical hermeneutics to understand the present status of modern art? To do so, become the foundation needed hermeneutical-philosophical H.-G. Gadamer, which are: a critique of modernity, the surveillance of the story (Wirkungsgeschichte) and the medium of language. It is only in the valence ontological finitude that the mode of being of art reveals itself as an experiment, whose presence reminds us of the mediation, the appeal to memory and listening to the tradition (Überlieferung).

**Keywords:** Hermeneutics History. Language. Art.

## 1 INTRODUÇÃO

No propósito de discussão sobre a relação entre modernidade e cultura estética, a hermenêutica contemporânea se propõe a um grande desafio: a recuperação da arte como experiência de verdade. Se a tradição kantiana moderna confere ao fenômeno da arte os limites de uma experiência subjetiva do gosto, privando-a de experiência de conhecimento, a problematização de um pensamento pós-metafísico nos remete a reconsiderá-la como esfera de saber humano. Desse modo, a retomada pela pergunta sobre a verdade da arte, além de pressupor um diálogo crítico com os preceitos estéticos modernos, também aponta para uma nova possibilidade de pensar

filosoficamente a esfera do belo-artístico. Como então pensar arte num contexto de destruição da estética moderna? Sendo a experiência da arte uma experiência de mundo, como reabilitá-la em sua condição de verdade histórico-cultural? Como nos diz Heidegger, analisar o fenômeno da arte como expressão de verdade é submetê-la à pergunta pelo sentido do ser, é pensá-la ontologicamente sob o horizonte do seu modo de ser.

A hermenêutica filosófica gadameriana, inspirando-se na ontologia fundamental de Heidegger, apresenta-nos uma análise ontológico-hermenêutica sobre arte, ratificando-a em seu caráter de verdade. É sob uma ontologia lúdica que a arte pode ser pensada enquanto uma advertência crítica

\* Trabalho premiado durante o XXI Encontro do SEMIC realizado na UFMA entre os dias 17 e 19 de dezembro de 2009.

\*\* Licenciada em Filosofia pela UFMA. Membro do grupo de pesquisa Estudos de Filosofia e Hermenêutica. Bolsista de Iniciação Científica (PIBIC/UFMA) (Quotas 2007/2008 e 2008/2009). Professora de Filosofia. E-mail: cinaluastar@gmail.com.

\*\*\* Doutor em Filosofia pela USP. Professor adjunto do Departamento de Filosofia da UFMA. Coordenador do grupo de pesquisa Estudos de Filosofia e Hermenêutica. E-mail: alferjun@uol.com.br.

dirigida ao positivismo moderno. Justificá-la pressupõe uma investigação hermenêutico-filosófica sobre como o modo de ser da arte se desvela e se põe como presença declarativa de verdade (*Alétheia*). Daí a necessidade de considerarmos a experiência hermenêutica da arte sob a base antropológica do jogo (*Spiel*), símbolo (*Symbol*) e festa (*Fest*). Eis as categorias a partir das quais a representação (*Darstellung*) da arte determina-se como experiência de sentido, declaração simbólica e temporalidade festiva.

Das diversas abordagens sobre a estética, a hermenêutica sobressai-se como sendo aquela cujo propósito é a compreensão da arte como uma experiência que nos fala de um modo mais imediato e nos convoca a um encontro familiar - o encontro com nós mesmos. Enquanto um acontecimento lingüístico, o seu modo de ser expressa os testemunhos da nossa presença histórico-cultural e revela declarações de verdades sobre o mundo da vida; sendo sua presença pura abertura, sua experiência extrapola o âmbito de sua "origem" subjetiva.

A proposta hermenêutico-filosófica de Gadamer, ao constituir-se como uma argumentação crítico-filosófica dirigida à ciência moderna, possibilita-nos uma reconsideração ontológica acerca da experiência "extra-científica" da arte. Mas, se do ponto de vista da estrutura da obra *Verdade e Método* a retomada do *status* de verdade da arte revela-se como fundamento referencial para a construção de sua hermenêutica, o desdobramento dessa questão nos coloca diante de elementos conceituais que definem a especificidade de uma estética ontológico-hermenêutica.

Pensar a arte sob o horizonte da experiência hermenêutica implica a possibilidade de considerá-la como experiência ontológica do mundo que o homem faz pela linguagem, revelando a si e aos outros pela compreensão. Na formulação de Gadamer, por vezes repetida, - "*a hermenêutica contém a estética*" (1998, p. 59) - o que se coloca em questão é a interpretação do fenômeno estético - seja o belo natural ou o belo artístico -, tendo em vista o processo de mediação pela qual a existência humana na interface de suas experiências constrói o mundo, integra-se a ele e forma sua própria tradição (*Überlieferung*).

Nessas considerações destacam-se dois elementos conceituais constitutivos de uma análise ontológico-hermenêutica da experiência da arte: o referente à **linguagem** (*Sprachlich/Sprach*) e o **histórico-efetual** (*Wirkungsgeschichte*). Ora, se o que viabiliza a dimensão interpretativa da obra de arte é o questionamento do seu sentido enquanto declaração de verdade atualizada, sua reflexão não pode prescindir de uma investigação sobre

como se articula a sua relação com história e com a linguagem.

Desse modo convém interrogarmos: o que legitima uma análise histórico-lingüística da arte como critério decisivo para pensá-la enquanto uma experiência hermenêutica de verdade? Do ponto de vista hermenêutico, o que justifica pensarmos a interdependência entre o caráter declarativo da arte e sua superioridade sobre o tempo (*Zeitüberlegenheit*)? Por que uma reflexão histórico-hermenêutica sobre a verdade da arte deve necessariamente nos conduzir a um diálogo vivo com a tradição (*Tradition/Überlieferung*)?

Portanto, devemos buscar compreender a relação arte-história e arte-linguagem, ao passo que também buscamos desenvolver uma investigação hermenêutica sobre a categoria da experiência (*Erfahrung*), conceito nuclear que assegura a interligação entre arte, história e linguagem, bem como sobre os conceitos de história dos efeitos (*Wirkungsgeschichte*) e Linguagem (*Sprach*). Disso também depende a elucidação da clássica afirmação estético-filosófica sobre a arte: "*obras criadas por homens para homens*" (GADAMER, 1998, p. 57).

## 2 A ONTOLOGIA LÚDICA DE GADAMER: jogo, símbolo e festa

O resgate da verdade da experiência estética desenvolvido pela hermenêutica filosófica de Gadamer encontra fundamento na ontologia Fundamental de Heidegger. Como herdeiro desse projeto, a verdade da obra de arte deve se manter por sob o prisma da questão do sentido do ser. É desse modo que as categorias centrais da estética hermenêutica de Gadamer compõem a chamada Ontologia Lúdica. A obra de arte, portanto, doa-se como uma tarefa do pensar.

A ontologia lúdica de Gadamer estreita a relação arte e verdade a partir do emprego de uma noção de verdade que está sempre *em jogo*, isto é, resguarda a historicidade da obra de arte no horizonte hermenêutico da compreensão, ressaltando-a em seu caráter peculiar de ser sempre uma "*declaração atualizada*".

Ao dizermos que ontologicamente a verdade da obra de arte está em jogo, empenhamo-nos em resguardar o lúdico como "essência" ou "origem" da experiência estética. Ademais, essa experiência se coloca não só como uma fala que evoca uma época específica, qual seja: a que ela foi produzida, mas também e, primordialmente, a época presente em que ela se insere. A obra de arte por ser uma "*declaração atualizada*" nunca se esgota; a cada vez em que ela erige num novo mundo suas interpretações se renovam. Nesse sentido, a arte se ganha como tarefa do pensamento,

pois a partir dela o mundo do espectador (que pode não coincidir com o mundo em que a obra surgiu) se coloca como uma questão, um problema (*Sache*).

Como um espelho, uma *clareira* (*Lichtung*), uma abertura no tempo, a obra de arte põe à mostra as verdades históricas de homem e mundo, daí dizermos que a verdade da obra está *em jogo*, pois estas, as obras, não se calam na historiografia como meros registros documentais, pelo contrário, a historicidade da arte é mais originária; como disse Heidegger (1977, p. 62): "A arte é histórica, no sentido essencial de que funda a História e, mais propriamente, no sentido indicado."

Portanto, a categoria de jogo (*Spiel*) remete-se à estrutura ontológica das fundações de verdades históricas, isto é, mantemo-nos em meio à compreensão ontológica de mundo como compreensão no círculo da experiência hermenêutica, ou melhor, hermenêutico-ontológica. Sendo assim, a arte já é, desde sempre, um discurso hermenêutico que abrange e possibilita a produção e re-produção de um mundo em sua verdade fundamental.

Em sentido complementar ao de jogo, a arte como *símbolo* (*Symbol*) resgata a característica da arte de se apresentar como um resgate de um tempo, que é sua origem, ao mesmo tempo em que se mostra como completamente cheia de inauguração e presente: a obra de arte mesmo retomando e reconstituindo a verdade de um mundo, também se permite a dizer algo sobre outros mundos, pois como *símbolo*, resgata em suas significações um entrecruzar entre o "anterior" e o "de agora". A arte é ao mesmo tempo memória e criação. Somente pelo *símbolo* poder-se-ia destacar na experiência estética um sempre apresentar-se no horizonte hermenêutico de confluência entre os discursos possíveis.

Este inter-mundo que a obra de arte consegue atingir retoma a capacidade da arte em se manter no caráter de "atualidade", o que revela que ela possui uma peculiar superioridade sobre o tempo (*Zeitüberlegenheit*). Ou seja, não podemos tratar da relação tempo e arte enumerando 'etapas' de desenvolvimento como fazemos com uma planta, por exemplo, que nasce, se desenvolve e morre. O "passado" e o "futuro" da obra de arte não existem a não ser como imagens identificadas na experiência estética como presente vivo vivenciado. O 'antes' e o 'depois' das obras de arte é o vigor de seu presente vigente.

Essa compreensão de *Zeitüberlegenheit* encontra-se na categoria da *Festa* (*Fest*), que é a categoria da temporalidade estética hermenêutica. Através da festa podemos experienciar um encontro com os nossos primórdios e, por isso mesmo, com os nossos

mistérios, o desconhecido que vigora em nós enquanto efeito de silêncio. O que a temporalidade festiva faz aparecer em seu acontecimento não é a re-produção exata da sua primeira celebração, cada festa é única embora a fonte de seu acontecimento seja sempre a mesma, o que ela faz ressurgir é que as *ek-stases* temporais se misturam tornando possível o encontro de "todos com todos". Esse 'encontrar-se com...', no sentido indicado, está permeado de *compreensão* hermenêutica, isto é, a compreensão é um alarguecimento das vivências e uma fusão dos discursos próprios de mundos diferentes, em meio ao horizonte hermenêutico.

Como podemos evidenciar, a arte e a hermenêutica, pela exposição das categorias estéticas de jogo, símbolo e festa, justificam a sustentação gadameriana de que a 'hermenêutica contém a estética'. As manifestações artísticas constituem-se como experiências, cuja força declarativa mantém-se sempre aberta a novas interrogações da existência humana e revela-se como uma presença que ultrapassa a limitação histórica (*geschichtliche Beschränktheit*).

Na qualidade de obra, a arte é uma "declaração atualizada". Isso quer dizer que, apesar das contínuas fundações de verdade de homem e mundo em um ou outro modo de ser, das vicissitudes cotidianas do homem e dos diversos acontecimentos históricos, a obra de arte continua fértil experiência de verdade: *a abertura é o que permanece na obra de arte*.

Dessa forma, os "mundos históricos" que a obra de arte acessa ou torna os acessos possíveis, e que ela faz confrontar-se com nosso mundo mais próximo, partilham de um mesmo 'lugar', a saber: do *horizonte hermenêutico*.

Mas, por que a 'experiência estética' remonta à liberação do horizonte hermenêutico de modo mais substancial? Antes disso ainda, o que quer dizer "horizonte hermenêutico"? Qual o sentido do encontro e do confronto de diversos mundos históricos no horizonte hermenêutico?

Esses questionamentos convocam uma reflexão detida sobre a questão da "história" e a elucidação do conceito de *experiência* no solo da hermenêutica filosófica de Gadamer.

### 3 A ESTRUTURA DA EXPERIÊNCIA HERMENÊUTICA

Ao falar sobre 'experiência', logo de início, Gadamer, denuncia que esse conceito permanece um dos mais obscurecidos, tanto porque lhe falta uma plena elucidação, já que não dispomos de uma 'teoria da experiência', quanto pelo fato de ainda permanecer submisso a uma esquematização epistemológica contida

na lógica da indução. O prejuízo notado dentro desse contexto é que o conteúdo originário da categoria da experiência foi perdido.

O pensamento metodológico da ciência moderna determinou que a validade da experiência residisse em seus “resultados”, os quais devem permanecer idênticos apesar da multiplicidade de eventos particulares. A permanência dos mesmos resultados torna-se de suma importância, porque corroboram os ideais de reprodutibilidade e quantificação/mensuração próprios da ciência, que se propõe acima de tudo como ‘objetiva’. Nesse sentido, o processo pelo qual a experiência obtém seus resultados deve ser regido apenas por princípios metodológicos, suspendendo assim toda e qualquer carga de historicidade.

Podemos perceber que a característica marcante desta concepção de experiência é o seu aspecto *teleológico*, pois da experiência é retirado seu verdadeiro processo e é admitida a obtenção de uma universalidade axiomática através da retenção da unidade da experiência que corresponde ao que permanece indistinto nas múltiplas experiências do particular.

É preciso retomar as bases características e originárias da *experiência* (*Erfahrung*). Primeiramente, devemos contrapor ao processo puramente metodológico da experiência a compreensão de *negatividade*. Gadamer diagnostica a impossibilidade de fazermos uma experiência que desemboque em universalidades típicas, negligenciando a presença de ‘rupturas’ e ‘retomadas’ de algumas expectativas de conhecimento sobre o objeto que se experimenta. Em geral, realizamos continuamente a experiência da “não-verdade do conceito” em relação ao objeto que se apresenta: isso quer dizer que ao fazermos uma experiência, nunca nos é dado de antemão a certeza da confirmação de nossas expectativas com relação ao objeto em questão; contudo, a frustração das expectativas “falsas” ou “parciais” que temos sobre o objeto não é algo prejudicial, muito pelo contrário, é o sentido positivo de conseguirmos reter corretamente o objeto e de adquirirmos um saber ampliado. Isso se dá não porque foram “suspensos” os preconceitos (*Vorurteil*) e as expectativas errôneas quanto ao objeto, mas, sim, porque foi assumido o confronto do objeto mesmo com estes. Esse momento consolida a “correção” dos preconceitos diante da resultante incompreensão insistente do objeto. Por conseguinte, permeia o fazer da experiência, a conquista do ‘saber melhor’, tanto do objeto quanto de si mesmo: aquele que experimenta toma posse da consciência de si enquanto “experimentador”, a experiência volta-se, então, do objeto para o espírito que experimenta e inverte-se para se reconhecer em seu “estranho”. Essa inversão

subjaz a uma verdadeira experiência.

Por esse motivo, de se inverter e compreender-se no estranho, a experiência se abre, e se mantém aberta, com relação a novas experiências. Com isso, destaca-se outra característica da experiência: ela não se realiza de maneira mais originária em nenhum saber concludente, final e acabado. Antes, permanecer enquanto *abertura* inaugura um patamar em que a experiência é referenciada em seu todo, pois ela convoca sua continuidade e, assim, põe em evidência a *impossibilidade de se esgotar* como sua constituinte.

Ninguém pode se eximir de adquirir esta experiência do todo. Como nos diz Gadamer (2008, p. 465): “... a experiência faz parte da essência histórica do homem.”.

No exercício da experiência do todo do ser histórico humano, o homem se determina na capacidade de discernir seus limites, isto é, ter deles plena consciência. Essa noção constrói a experiência enquanto “experiência da finitude humana”.

Essa experiência possibilita que o homem, assumindo sua finitude, realize a experiência de sua própria *historicidade*. O caráter de *historicidade* da experiência da finitude humana situa o *Dasein* histórico do homem no seio da **experiência hermenêutica** que, por sua vez, é a convocação genuína da *tradição* como o “sujeito” que deve chegar à experiência.

Antes de tudo tradição (*Überlieferung*) se remonta à “transmissão” e isso impõe uma carga de discurso e linguagem a ela. O que a tradição transmite, ela o faz como um “tu” que se interpela em um diálogo vivo. A tradição é um “interlocutor” e como tal reflete para a experiência hermenêutica caráter de *lingüisticidade*. A tradição fala do ponto de vista da alteridade, ela tem algo a nos dizer. Esse *alter* que vem ao nosso encontro é, em todo caso, *histórico*. Isso se dá porque, na medida em que assumimos o nosso “estar-lançado”, já nos “situamos historicamente”, e assim situados nos reconhecemos na e pela tradição. Tradição designando, aqui, não apenas um legado passado, restrito a uma cultura, mas, sobretudo, a transmissão da consciência histórica através da linguagem.

#### 4 A CONSCIÊNCIA DA EFEITUALIDADE HISTÓRICA

A experiência da “situação histórica” é o que compreendemos com a categoria de *consciência histórica*.

Diz Gadamer:

A consciência que hoje temos da história difere fundamentalmente do modo pelo qual anteriormente o passado se apresentava a um povo

ou uma época. Entendemos por consciência histórica o privilégio do homem moderno de ter plena consciência da historicidade de todo presente e da relatividade de toda opinião. (2006, p.17).

Nesse sentido, a consciência histórica não é uma novidade do modo de referência ao passado, o homem sempre se relacionou com seu passado, o que é novidade é a atitude por meio do qual vamos ao passado e nele legitimamos um acesso e uma revitalização de suas possibilidades interpretativas. Desse modo, permitimo-nos ouvir a fala da tradição.

Segundo nosso autor, essa abertura à tradição é "própria da consciência da história efetual" e se coloca como a forma mais elevada da experiência hermenêutica.

Sobre a história dos efeitos (*Wirkungsgeschichte*) temos: na medida em que nos deparamos com um fenômeno histórico que de nós se encontra temporalmente distante nos encontramos sob os efeitos da história efetual. Isso nos remete a duas conclusões: primeiramente que, a partir dessa determinação, todo compreender comporta a influência da história dos efeitos, e em segundo lugar, que a consciência dessa influência se dá com a tomada de consciência de nossa *situação hermenêutica*.

Chamamos de situação hermenêutica a nossa origem histórica que pontua nosso acesso à tradição. Dela não podemos saber objetivamente, pois não nos encontramos *diante* dela, mas sim *imersos* nela, assumindo suas possibilidades histórico-compreensivas e a limitação de seu presente finito. Em *Verdade e Método* temos: "A elaboração da situação hermenêutica significa então a obtenção do horizonte de questionamento correto para as questões que se colocam frente à tradição." (2008, p. 400). Nesse sentido, a consciência da história efetual possibilita que escutemos a tradição, pois nossa situação histórico-hermenêutica não corresponde à pertença a um horizonte histórico completamente fechado, sendo assim há mesmo a possibilidade de falarmos de 'ampliação de horizonte', 'abertura de novos horizontes', 'fusão de horizontes históricos' etc.

De modo geral, horizonte é a linha limítrofe que demarca a abrangência do alcance de nossos olhos, elegendo uma origem que nos referencia. No sentido aqui indicado, *horizonte histórico* é a expressão em que se faz sentir a experiência de finitude de todo presente, de todo projeto e, ademais, a filiação à capacidade de compreender-se a si mesmo no mais distante de si.

Ao investigarmos nossa relação com a tradição, principalmente no que diz respeito à interseção com nosso "passado", temos a

inclinação a pensar que seremos mais bem sucedidos se nos transpusermos àquele horizonte histórico, objeto de nossa investigação, com o intuito de recompô-lo tal e qual, e de nos desvincularmos de nossos pontos de vista, valores e medidas, a isto chamamos de "ponto de vista histórico". Contudo, essa abordagem não exprime o fenômeno hermenêutico. Muito pelo contrário, ao irmos além de nosso horizonte histórico não nos deparamos com absurdos impossíveis de qualquer interpretação e/ou compreensão. Aqui se faz necessário evidenciar: os "horizontes históricos" se pertencem em um só horizonte hermenêutico; nesse sentido, ao buscarmos a conquista de outro horizonte histórico que não o doado por nossa situação histórico-hermenêutica reconhecemos na alteridade do outro histórico nosso próprio ser histórico e com isso tomamos consciência de nosso movimento de compreensão.

A consequência dessa evidência é que nosso horizonte está em contínuo movimento, perfazendo-se a cada instante, e isso não quer dizer somente o horizonte que se mantém sempre a vista, isto é, o horizonte do presente, mas a totalidade do horizonte hermenêutico: a vigência da tradição (*Überlieferung*).

A vigência da tradição é o lugar onde essa fusão [de horizontes históricos] se dá constantemente, pois nela o velho e o novo sempre crescem juntos para uma validade vital, sem que um e outro cheguem a se destacar explícita e mutuamente. (GADAMER, 2008, p. 404-405).

Se a vigência da tradição é o lugar em que se dá essa fusão, a realização da mesma se caracteriza como a vigência da consciência histórico-efetual. Esse é o nosso ponto de retorno ao conceito de experiência - nuclear em nosso debate, pois, como diz Gadamer, a consciência da história dos efeitos tem a estrutura da experiência: se a experiência estética por sua vez é declaração atualizada porque a arte é um discurso hermenêutico que salvaguarda a verdade fundamental de um horizonte histórico ao mesmo tempo em que proporciona a re-criação interpretativa dessas verdades que se lançam ao presente como discursos possíveis, a experiência com a obra de arte realiza a essência da experiência hermenêutica, pois é ela repleta de historicidade e lingüisticidade.

Além disso, a categoria de  *festa* da ontologia lúdica, que se desenvolve efetivamente na compreensão de que a arte possui certa superioridade sobre o tempo, traz como característica central que o tempo tenha mobilidade e fluidez, possibilitando que o "novo" e o "antigo" se encontrem em um só

lugar, a saber: na relação interpretativa com obra de arte. Essa peculiaridade da obra de arte torna possível reconhecer a fusão de horizontes históricos: através da experiência estética é possível, ao mesmo tempo, nos situarmos historicamente, nos relacionarmos compreensivamente com a tradição e legitimarmos o horizonte de compreensão como o âmbito de todo acontecimento ontológico.

Nesse sentido, a experiência estética não está meramente contida na experiência hermenêutica, é próprio de si mesma carregar o acontecimento essencial desta última.

## 5 O MÉDIUM DA LINGUAGEM

A partir do aparato conceitual dos quais já temos nos apropriado, devemos acender ao desenvolvimento da questão originária que dá sentido a presente investigação, a saber: *qual experiência de linguagem a arte convoca em sua essencial declaração atualizada de sentido e, ainda, que legitimidade tem a fala (a linguagem) da arte no âmbito da aplicação, interpretação e compreensão hermenêuticas?*

No que diz respeito aos fundamentos da hermenêutica filosófica de Gadamer, a questão da linguagem ocupa lugar central. Ressaltamos, porém, que o projeto apresentado em *Verdade e Método (Wahrheit und Method)*, não pode prescindir da apreensão **ontológica** da linguagem: a apreensão científico-instrumental que conduz apenas um emprego epistemológico ou filológico da linguagem não compreende e nem se ocupa do resguardo de sua proveniência essencial. Herdeiro do projeto heideggeriano, Gadamer deparou-se com a reivindicação de uma *'experiência com a linguagem'* que retenha e apresente seu caráter de *origem*. Diz Heidegger: *"Fazer uma experiência com a linguagem significa portanto: deixarmos tocar propriamente pela reivindicação da linguagem, a ele nos entregando e com ela nos harmonizando."* (2008, p. 121). Essa determinação dista demasiadamente de uma *"experiência metodológico-científica"*, pois:

*"... fazer uma experiência com a linguagem é algo bem distante de se adquirir conhecimento sobre a linguagem."* (Heidegger, 2008, p. 122).

Na experiência assim proposta e caracterizada, a linguagem deve ser tomada como um *meio (Mitte)*. A partir disso, declinam-se os questionamentos: que sentido tem dizer que a linguagem é um meio? Que legitimidade essa apreensão da linguagem pode doar para a experiência hermenêutica da arte?

Na análise que fizemos sobre a categoria de experiência (*Erfahrung*) hermenêutica,

evidenciamos a *negatividade*, a *abertura*, a *historicidade* (experiência com a *finitude*) e a *lingüisticidade* como seus traços fundamentais, e pudemos com isso fundamentar a determinação de que a experiência hermenêutica é alcançada pela tradição (*Überlieferung*), na medida em que sua vigência é positivada na consciência da história efetual (*Wirkungsgeschichtliches Bewusstsein*).

O caráter de linguagem (*Sprachlichkeit*) da experiência hermenêutica, ao qual nos lançamos a desenvolver e apropriar, deve, por conseguinte, harmonizar-se às categorias da tradição (discurso da) e da história efetual (consciência da); uma vez que a tradição assume a alteridade de um interlocutor e que a história efetual põe em constante mobilidade e simultaneidade a totalidade dos acontecimentos dados na compreensão, a experiência de linguagem dispõe para a *existência (Dasein)* sua unidade com o mundo sob a forma de uma estrutura prévia, e ainda, disponibiliza a universalidade e atualidade de todo compreender como horizonte de possibilidades inesgotáveis de *discurso (Reden)*.

Portanto, se quisermos analisar a linguagem tendo em vista a conquista de uma nova experimentação hermenêutica devemos encaminhar para o debate sobre a relação compreensiva de homem e mundo, e sobre a estrutura da palavra e da conversação na contínua reincidência da fusão de horizontes.

A linguagem assim chamada, a saber: *medium*, recoloca as temáticas da mundanidade e historicidade do *Dasein*. É justamente a partir dessa abordagem que a arte pode ser mantida como declaração atualizada de sentido e alcançar solo teórico em que a semântica da assertiva "a hermenêutica contém a estética" fundamenta-se.

Enquanto *medium (Mitte)*, a linguagem é a situação hermenêutica onde toda experiência de mundo se põe em jogo. Aqui, não podemos analisá-la como um "mero meio", uma ferramenta, um arcabouço instrumental que tem em vista a mediação do acordo entre os falantes. A linguagem não se apresenta em sua essência no emprego utilitário da comunicação: ela não é o instrumento que viabiliza a efetivação do comum comunicar-se; ao contrário, é a essência da linguagem que disponibiliza as condições de possibilidade de todo consenso e de todo dissenso. A linguagem é anterior à comunicação, ou seja, não é a comunicabilidade que destina o sentido da linguagem, mas dá-se justamente o contrário, é a comunicabilidade que ganha sentido no caráter de linguagem. Sem linguagem nenhuma comunicação se funda, mas na ausência da comunicação ainda se põem os jogos de linguagem. Na linguagem há espaço de jogo para a fala e para o silêncio.

Esses dois polos, recolhidos na linguagem, encontram-se em uma unidade originária, pois todo silêncio é um discurso que evoca a palavra, e toda fala é o silenciar da totalidade do caráter apofântico do texto.

Nesse sentido, o caráter de linguagem da experiência hermenêutica é o que garante a universalidade da estrutura da compreensão. No que tange a nossa relação de compreensão e interpretação ontológico-existencial, a linguagem encarregou-se como sede, pátria e origem de todo discursar e declarar, de todo fazer e escolher, de todos os caminhos e des-caminhos da experiência hermenêutica.

Devemos notar que, sendo a tradição que se eleva à experiência hermenêutica, chamarmos "homem" de "ser de linguagem", somente ganha sentido se o possessivo for invertido, isto é, não somos nós, homens, que dispomos da linguagem para nos comunicarmos e nos colocarmos em comum acordo, mas é a linguagem que dispõe do homem e de todo seu comunicar-se: à existência é vetada a alienação da produção da linguagem, ao nosso modo de ser mais próprio pertence o *discurso* (*Reden*). Na linguagem estamos lançados (*Geworfenheit*), destinados a declarar nossa unidade prévia com o mundo. Por conseguinte, *toda experiência de mundo é erigida como jogo de linguagem*.

O *medium* da linguagem perfaz a totalidade da experiência de mundo; logo, experiência hermenêutica e experiência de mundo, dizem o mesmo.

Em *Verdade e Método*, Gadamer (2008, p.503) apresenta:

... a linguagem é o medium universal em que se realiza a própria compreensão. A forma de realização da compreensão é a interpretação.

Essa especificidade da linguagem postula que a historicidade da existência deve denotar a finitude de toda consciência histórica, de toda interpretação "textual" e de toda compreensão de mundo:

O que se fixa por escrito desvinculou-se da contingência de sua origem e de seu autor, liberando-se positivamente para novas relações. Conceitos normativos como a opinião do autor ou a compreensão do leitor originário representam, na realidade, apenas um lugar vazio que se preenche de compreensão, de ocasião para ocasião. (GADAMER, 2008, p. 512).

Desse modo, o caráter de linguagem não condiz com um aparato conceitual/instrumental que une e separa aspectos da realidade através de analogia e consenso. Nas bases da linguagem, encontram-se a determinação

ontológica do modo de ser existencial do discurso, da composição histórico-efeitual da interpretação, de sua aplicação manifestada na herança da tradição e, por fim, a fertilidade da compreensão na fusão de horizontes como concreção da história efeitual e atualização declarativa de sentido.

É justamente nessa estrutura especulativa do *medium* da linguagem que o fenômeno da arte pode fundar a especificidade das Ciências do Espírito: a unidade da obra frente à multiplicidade interpretativa do discurso situa a compreensão como o modo de ser mais próprio do *Dasein* e assim, na escuta à tradição, os acontecimentos lingüísticos encontram-se sobre os efeitos da história.

A vigência da tradição (*Überlieferung*) torna a obra de arte, os atos e fatos, os textos da história, acontecimentos lingüísticos de estrutura especulativa, fluida e eventual. Diz Gadamer (2008, p.569): "A forma da linguagem e o conteúdo da tradição não podem ser separados na experiência hermenêutica."

Mas, perguntamos: como pode a obra de arte apresentar-se lingüisticamente? Que fala é a da obra de arte? A obra de arte fala a partir de si mesma, conservando e permanecendo uma situação hermenêutica túrgida de sentido ontológico, simbólico e temporal. Porque a obra não se deixa alcançar como mero "resíduo de passados históricos", mas permanece como mensagem e declaração, a arte se converte em linguagem e sua positivação na obra salvaguarda a compreensão do dito no ainda não-dito porvindouro. A fala na obra de arte nos conduz a obscuridade da linguagem que revela nosso íntimo poder-ser.

O fenômeno da arte, em sua conexão com história e linguagem, ressalta o status de ciência das *Geisteswissenschaften*, porque avança para a investigação da estrutura universal da compreensão e não na mera aquisição de conhecimentos estanques.

Comprender lo que una obra de arte le dice a uno es entonces, ciertamente, un encuentro consigo mismo. Pero en tanto que encuentro con lo propio, en tanto que una familiaridad que encierra ese carácter de lo sobrepasado, la experiencia del arte es, en un sentido genuino, *experiencia*, y tien que dominar cada vez la tarea que plantea la experiencia: integrarla en el todo de la orientación propia en el mundo y de la propia autocomprensión. Lo que constituye el lenguaje del arte es precisamente que le habla a la propia autocomprensión *de cada uno*, y lo hace en cuanto presente cada vez y por su propia actualidad (*Gegenwartigkeit*). Más aún, es precisamente su actualidad (*Gegenwartigkeit*) la que hace que la obra se convierta es lenguaje. (GADAMER, 1998, p. 60-61).

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente investigação, ao desenvolver os questionamentos sobre a essência da arte, sobre a estrutura da experiência hermenêutica e ainda, sobre as categorias da história efetual (*Wirkungsgeschichte*) e caráter de linguagem (*Sprachlichkeit*), deparou-se com a seguinte determinação: a obra de arte salvaguarda a abertura que acessa a efetualidade e a lingüisticidade de uma situação hermenêutica, em meio à fusão de horizontes de compreensão que a tradição positiva.

Isso quer dizer que a dinâmica da situação hermenêutica dada pela consciência histórica e da interlocução com a tradição, de onde se origina toda compreensão como autocompreensão, é dada pela experiência estética, na medida que a obra de arte faz ruir todo o habitual e nos invita para o âmbito da linguagem.

Por essa propriedade, a arte é o fenômeno que resgata a historicidade do *Dasein* conservando seus existenciais (compreensão, disposição e discurso) na totalidade da experiência humana: isto é, *todo acontecer que vai além de nosso querer e de nosso fazer*. A hermenêutica, enquanto método que depõe a favor da verdade da experiência estética, avança na concepção de “ciência” (saber) que é anterior ao domínio da objetividade pela subjetividade (concepção moderna). O niilismo da experiência artística, a experimentação como jogo (*Spiel*) ontológico da existência fática, instituem o autocompreender-se como uma mirada na estranheza e familiaridade simultâneas do fenômeno da arte.

Mesmo que a relação direta com a obra de arte nos seja negada, ainda sim, esta mesma obra está na possibilidade de declarar nosso horizonte histórico originariamente. Assim se dá, porque não podemos existir para além do *medium* da linguagem e da efetualidade da história, e a arte é plena de sentido histórico e de acontecimento lingüístico.

Por conseguinte, a sentença gadameriana “o ser que pode ser compreendido é linguagem” (GADAMER, 2008, p. 612) torna uma a relação arte - história - linguagem, sediada no todo da experiência hermenêutica. Isso, porém, nada tem de metafísico: a universalidade da hermenêutica pode se lançar

como experiência a partir de uma mirada ao nosso derredor, qual seja: um vislumbre na amplitude da obra de arte através da conversação que nós mesmos somos.

## REFERÊNCIAS

- FLICKINGER, Hans-Georg. Da experiência da arte à hermenêutica filosófica. In: ALMEIDA, Custódio Luís Silva de. *Hermenêutica Filosófica: nas trilhas de Hans-Georg Gadamer*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.
- GADAMER, Hans-Georg. *Da palavra ao conceito*. In: ALMEIDA, Custódio Luís Silva de. *Hermenêutica Filosófica: nas trilhas de Hans-Georg Gadamer*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.
- \_\_\_\_\_. Estética y hermenéutica. In: *Estética y Hermenéutica*. 2. ed. Tradução de A.G. Ramos. Madrid: Tecnos, 1998.
- \_\_\_\_\_. *La actualidad de lo bello*. Tradução de A.G. Ramos. Barcelona: Paidós, 1977.
- \_\_\_\_\_. Los limites de la razón histórica. In: *El giro hermenéutico*. 2. ed. Tradução de Arturo Parada. Madrid: Ed. Catedra, 2001.
- \_\_\_\_\_. O homem e a linguagem. In: *Verdade e Método*. V. 2. Petrópolis: Vozes, 2002.
- \_\_\_\_\_. *O problema da consciência histórica*. 3. ed. Tradução de P.C.D. Estrada. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 2006.
- \_\_\_\_\_. Sobre o Círculo da Compreensão. In: ALMEIDA, Custódio Luís Silva de. *Hermenêutica filosófica: nas trilhas de Hans-Georg Gadamer*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.
- \_\_\_\_\_. *Verdade e método: Traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica*. 9. ed. Tradução de F.P. Meurer. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- HABERMAS, J. [et al.]. *El ser que puede ser comprendido es lenguaje*. Homenaje a Hans-Georg Gadamer. Madrid: Editorial Síntesis, 2003.
- HEIDEGGER, M. *A caminho da linguagem*. Petrópolis: Vozes, 2008.
- ROHDEN, Luiz. Hermenêutica e linguagem. In: ALMEIDA, Custódio Luís Silva de. *Hermenêutica Filosófica: nas trilhas de Hans-Georg Gadamer*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.